

Usos e formas da etnicidade entre imigrantes no Brasil: algumas considerações.¹

Evandro Rabello*

Universidade Federal da Bahia

Resumo: Este trabalho objetiva tratar de forma sumária aspectos da etnicidade, propõe-se a uma exposição introdutória deste mesmo tema utilizando-se assistematicamente de dados da pesquisa sobre a comunidade de alemães na cidade de Salvador, Bahia, aqui apresentada como exemplo central para a abordagem do tema. Elementos de caráter histórico estão presentes no texto na medida em que fundamentam os estudos sobre a imigração alemã neste estado brasileiro e abrem a perspectiva de acesso mais amplo ao objeto em questão.

Palavras-chave: alemães, imigração, etnicidade.

Introdução

O texto aqui apresentado pretende convidar o leitor, através do tema da imigração alemã para o estado da Bahia - em especial aquela que se pode verificar desde as primeiras décadas do século XIX para a cidade de Salvador -, à compreensão das formas e usos próprios do conceito de etnicidade, tal como vem sendo abordado por cientistas sociais, particularmente os antropólogos, a partir dos anos 1960. Não deixo de lembrar, inicialmente, nomes de autores cujos estudos de forma mais ou menos alinhados a tendências teóricas abrangentes, mas que de seu modo trouxeram à luz questões relevantes para os pesquisadores da temática e não deixaram de fundamentar o desenvolvimento teórico posterior, ao qual me refiro como teorias da etnicidade no decorrer do trabalho.

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho de 2008, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

* Mestrando do programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia.

Como parte da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia, cujo objeto de investigação é a comunidade de imigrantes alemães de Salvador já preliminarmente citado, no trabalho ora introduzido não limito, no entanto, a apresentação apenas a reflexões acerca do objeto da pesquisa, episodicamente me refiro a outros grupos de imigrantes e outros *loci* de pesquisa através dos quais se mostra possível ampliar o entendimento dos diversos usos da etnicidade, assim como de suas formas de revelar-se nas relações entre grupos ou comunidades de imigrantes e a sociedade receptora.

A intenção principal deste texto é introduzir a discussão da existência da comunidade de imigrantes alemães em Salvador sob a perspectiva antropológica que, até aqui, pouco foi estimulada. A ‘invisibilidade’ em que tem sido mantida a trajetória destes imigrantes assemelha-se a de outros grupos como os ingleses, galegos (espanhóis) e suíços, presumivelmente resultando da ênfase que se dá à formação da população nativa de Salvador a partir apenas aos três elementos étnicos principais, o branco de origem portuguesa e o negro de origem africana e o indígena, conforme as referências tradicionais encontradas em estudos sobre a constituição Brasil.

O formato de apresentação sugere a perspectiva do autor de dar seguimento às questões tratadas no decorrer do trabalho que desenvolve e apresentá-lo oportunamente no formato de artigo científico, aprofundando questões centrais que serão tratadas com maior vagar na evolução da pesquisa de mestrado.

Considerações sobre conceitos de etnicidade¹

Os estudos sobre imigração e relações étnicas no Brasil, realizados por autores como Emílio Willems, Artur Ramos e Manuel Diégues Jr.² nas décadas de 1940 e 1950 inauguraram, de certo modo, a produção de trabalhos que tornariam este tema objeto de acentuado interesse no campo das ciências sociais. As abordagens identificadas nos trabalhos desses autores superavam, ao menos contando com fundamentação teórica mais ampla e na prática do trabalho de campo, as publicações de autores como Oliveira Vianna e Silvio Romero reconhecidos até então como referências sobre as questões étnicas e raciais debatidas no país em princípios do século XX, não obstante o teor eminentemente racista perceptível nestes trabalhos. Parece legítimo pensar que a partir da publicação dos trabalhos de Willems, por exemplo, a via analítica preconizada pelas

escolas norte-americanas de sociologia e antropologia cultural, assim como a utilização de termos como assimilação, aculturação e seus desdobramentos conceituais, passaram a ser utilizados para o entendimento dos processos envolvidos na imigração e fixação no país de grupos étnicos, notadamente europeus e orientais. A reorientação teórica ocorrida a partir da segunda metade do século XX preparou o terreno para o estabelecimento de novas conceituações tais como as diversas teorias da etnicidade - sobretudo nos anos 1960 merecendo destaque Fredrik Barth como um dos nomes de maior expressão à época - e através de estudos de autores como Glazer, Moynihan, Eriksen, Van der Berghe e Smith, em momentos distintos durante as décadas seguintes até a contemporaneidade.

As denominadas teorias da etnicidade trouxeram elementos de crescente complexidade para a constituição de análises teóricas, ao mesmo tempo em que ampliaram as possibilidades de investigação e interpretação de elementos próprios dos estudos de imigração. Correntes distintas que, filiando-se tanto ao pensamento social clássico quanto ao contemporâneo tais como: primordialismo, parentesco, instrumentalismo, mobilizacionismo, neomarxismo, neoculturalismo, interacionismo³, compõem algumas das principais vertentes desenvolvidas nas décadas em que estudos sobre temas relacionados à etnia, raça, povo, nação, cultura, cidadania, identidade e nacionalidade ganharam crescente destaque na antropologia. O caráter inovador e substancialmente mais complexo das teorias da etnicidade enriqueceu, de forma definitiva, os estudos sobre a imigração e as relações entre povos, etnias, culturas e temas eles relacionados. No entanto, as reflexões acerca da pertinência e adequação dos conceitos relacionados direta ou indiretamente às questões postas nos estudos étnicos aumentaram significativamente as possibilidades de apreensão de fenômenos que se apresentam, se sobrepõem e se imbricam em realidades diversas nas sociedades, grupos étnicos, comunidades e minorias étnicas. O próprio deslocamento dos debates em direção a uma perspectiva global tem estimulado os autores e pesquisadores do tema a atentar para as limitações de compreender estes estudos dentro de categorias analíticas demasiadamente fechadas. As teorias da etnicidade, compiladas e discutidas no livro de, Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart apresentam formas de elaboração de conceitos que aproveitam o cabedal teórico preexistente, onde, porém, se identifica o nítido esforço de atualizá-los às novas discussões vigentes. Se não são descartados conceitos essenciais como os de assimilação e aculturação largamente propalados, certamente sua utilização torna-se

mais restrita diante das inúmeras particularidades e possibilidades colocadas pelos objetos de estudo.

Barth, autor fundamental na discussão teórica aqui abordada, traz como elemento inovador para a compreensão dos processos envolvidos na etnicidade - entendida como objeto mais amplo de estudo - a idéia da existência de fronteiras étnicas. Estas seriam mais do que os próprios atributos étnicos evidentes, essenciais para o estabelecimento das relações interétnicas, uma vez que, somente através do contato, da consciência da alteridade, é que os grupos étnicos tomam consciência da sua própria etnicidade. A partir desta 'tomada de consciência' os mecanismos de reforço ou, contrariamente, de negação, atuariam como vetores na constituição do grupo étnico como tal diante e no interior de suas relações com a sociedade abrangente. A etnicidade apresenta-se como processo organizacional, na medida em que "assegura a unidade efetiva do grupo tanto quanto pressupõe seu caráter constituído", e afirma, "A especificidade da organização social étnica decorre do papel que nela desempenham os contrastes culturais, mas este papel não pode ser dissociado dos processos de manifestações de identidades ⁴".

O conceito organizacional da etnicidade concebido por Barth expõe características fundamentais dos processos de reafirmação de traços étnicos e suas manifestações, colocando-os em oposição a outros que se encontram fora do contexto da comunidade. A manutenção de fronteiras é tratada sob uma perspectiva central, na medida em que a sua existência permite reforçar as noções distintivas *dentro / fora, nós / eles* e delimita a convivência das próprias diferenças no interior destas fronteiras. Segundo o autor, somente nesses espaços os atributos culturais adquirem valor expressivo; parece assim defender que a existência de fronteiras, antes de significar uma barreira interposta entre *nós* e *eles*, possibilita a preservação de um espaço necessário para o fortalecimento de laços comuns, que estão na essência de comunidades e grupos étnicos e a constituição de uma substância através da qual interagem com aqueles que estão além destas fronteiras.

O postulado primordialista propõe que a etnicidade é caracterizada *a priori* na medida em que "as relações intra e interétnicas só podem ser entendidas em referência a alguma coisa que se deu antes da interação" ⁵ e vinculam-se à origem mesma da essência étnica. Simultaneamente, porém, o primordialismo concebe que a etnicidade possibilita certo grau de manipulação, no sentido de uma condução, um agenciamento a serviço de propósitos definidos pelo grupo, com o

fito de reafirmar-se a si própria. Apoiar-se-ia em uma essencialização, anterior a qualquer classificação deste termo que não se deixa estabelecer como um dado imutável, sobretudo se considerada a diversidade da sociedade como uma totalidade de trocas e intervenções com os imigrantes em questão. A tentativa primordialista de basear-se em um ‘ser’ e em um ‘fazer’ oferece o risco de tornar a essência étnica similar aos estereótipos dominantes na identificação de diversas etnias. A etnicidade, de acordo com Muga⁶, define-se em termos de traços culturais primordiais que são utilizados para justificar a própria etnicidade como vínculo primordial. Seria a etnicidade, então, um dado de caráter primordial na existência humana, ao mesmo tempo em que seria objeto de escolhas táticas e de estratégias.⁷

O entendimento das manifestações da etnicidade, como referido acima, pode estar relacionado aos ‘usos’ determinados pelos indivíduos e grupos, como estratégias específicas para reforçar, deslocar e ampliar os atributos de pertencimento a uma ou a outra etnia. O instrumentalismo e o mobilizacionismo sustentam que a necessidade de indivíduos e grupos de encontrar formas de interagir com outras etnias, em especial num contexto onde se identifique assimetrias demográficas e políticas, os leva a usos iminentemente pragmáticos, na forma de associações de atributos étnicos a questões sociais e políticas com o objetivo de estabelecer papéis perante a sociedade de acolhimento. O ‘lugar’ ocupado nestes contextos, das relações interétnicas deles resultantes passam, então, não mais a pautar-se somente nas condições subjetivas de serem imigrantes, minorias ou grupos marginais, mas também nas representações de caráter mais objetivo que permitem sua inserção nas dimensões sociais que não se caracterizam pela distinção étnica. No entanto, é importante elucidar que, mesmo existindo motivações políticas nestas estratégias, os meios de praticá-las podem ser aqueles aos quais se relacionariam somente atributos da etnicidade desses indivíduos e grupos, tais como a língua, a religião e traços outros marcadores de sua origem étnica.

A etnicidade como fruto de uma ‘escolha racional’ indica uma presumida resposta a um ambiente político e/ou econômico em que determinados grupos étnicos estejam inseridos;⁸ a ‘escolha racional’, de modo semelhante à idéia de manipulação do conceito de etnicidade mencionada no parágrafo anterior, conduz à reflexão sobre como se pode dizer, ‘fazer parecer’ e legitimar o sentimento de pertença a um grupo étnico. No entanto, aqui, o que se sugere é o uso da etnicidade como opção consciente de filiar-se a uma identidade étnica com o propósito de

obter algum benefício ou evitar possíveis ameaças que se possam dirigir a determinados grupos minoritários, numérica ou politicamente, no contexto de uma sociedade. Ao grupo, em ocasiões distintas, a reafirmação ou a suavização de atributos torna-se mais ou menos conveniente, seja no sentido da agência do indivíduo ou do grupo nas relações de poder com a sociedade, ditadas pelo (des) equilíbrio que nelas possa existir.

O parentesco, por seu turno, opera decisivamente na percepção da etnicidade de um sujeito. No entanto, se esse fator implica em associações negativas por parte dos ‘outros’ ou grupo dominante no qual convivem, torna-se um potencial problema. O que valida, pode, ao mesmo tempo, estigmatizar um indivíduo perante seu grupo ou à sociedade envolvente, a depender das circunstâncias dadas. Os critérios de pertencimento, adoção e distinção de indivíduos no âmbito do grupo apresentam certa flexibilidade; não havendo, necessariamente, relação genealógica para a instituição das relações de parentesco entre seus membros, a afinidade pode, com frequência, garantir aos indivíduos as mesmas vantagens obtidas através da consangüinidade. O uso do parentesco como elemento de reforço de manifestações de etnicidade frequentemente confere aos seus atores características que se supõem inalienáveis, mas o fato é que quaisquer que sejam seus objetivos - possibilidades de auferir benefícios pessoais ou para o próprio grupo - variam conforme a relevância do que está em jogo, em especial questões de *status* e poder.

Ao fazer uso neste trabalho de conceitos disseminados a partir das teorias da etnicidade, recordo a advertência de Geertz sobre o risco da utilização de conceitos ‘totalizantes ou totalizadores’⁹, incluindo entre estes muitas das categorias de análise largamente presentes em trabalhos científicos das ciências humanas e sociais. Questionar se houve ou não assimilação, aculturação, acomodação como processos em si mesmos, não constituem o foco da análise; adotar uma ou outra corrente dentre as teorias da etnicidade tampouco se revelará inteiramente útil como meio de discutir questões essenciais em estudos étnicos. Mais relevante parece ser compreender os processos em si mesmos em contextos particulares, relacionando-os aos conceitos teóricos já mencionados aqui, e se e como se realizam no cotidiano dos grupos e comunidades estudados. Observar as variações que se manifestam em cada grupo ou indivíduo, sem buscar confirmar, mas identificar possíveis relações com a teoria existente parece-me um caminho promissor. Em meio a outras possibilidades, os usos da etnicidade, que serão aqui

brevemente referidos, podem se revelar, conforme circunstâncias específicas, favoráveis ou contrárias aos sujeitos, nem sempre cabendo a eles gerir estes usos, na medida em que podem ser manipulados por uma ou outra parte envolvida no jogo interacional e que as forças atuantes variam de acordo com os papéis atribuídos a estas mesmas partes.

Imigrantes Alemães em Salvador

Com o objetivo de ilustrar com dados levantados na pesquisa de mestrado realizado pelo autor na cidade de Salvador, Bahia, proponho-me a apresentar de forma sumária excertos deste trabalho, salientando que o estágio em que se encontra aponta apenas para direções preliminares até aqui depreendidas. Assim, procedo a uma rápida apresentação do tema, contextualizando a pesquisa no âmbito maior da imigração alemã verificada no estado, priorizando, evidentemente, o recorte que delimita a cidade de Salvador o *locus* privilegiado do trabalho. Simultaneamente, ao longo da seção, sugiro breves paralelos, não com o intuito de realizar comparações simétricas, mas de ilustrar a exposição aqui pretendida.

O estabelecimento de uma comunidade alemã em Salvador – ao menos organizada como tal – data da segunda década da primeira metade do século XIX. Antes, porém, já se verificava a presença esparsa de indivíduos alemães - denominação que poderia incluir desde elementos oriundos dos diversos territórios que se encontravam no interior das fronteiras do histórico Sacro Império Romano-Germânico a elementos de presumida cultura germânica comum que, no século XIX, constituíram o projeto de Unificação Alemã. Para interesse imediato, consideremos tão somente os alemães que faziam parte da comunidade ou que, ao menos, evidenciavam o sentimento de pertença a uma comunidade expressiva de traços culturais partilhados por estes indivíduos estabelecidos na cidade de Salvador.

A literatura disponível sobre o tema dá conta de que o empreendimento de atrair imigrantes alemães para o Brasil e, em consequência, para o estado da Bahia, tornou-se possível a partir do casamento do futuro imperador D. Pedro I com a arquiduquesa austríaca D. Leopoldina, incentivadora dos principais entusiastas da idéia, alemães que estiveram no Brasil ainda antes de sua vinda desta representante da Casa dos Habsburgos. Estiveram envolvidos nas mais diversas atividades, das ciências ao comércio. A partir de 1818, portanto, com a fundação da colônia

Leopoldina no sudeste do estado da Bahia os primeiros contingentes alemães eram oficialmente estabelecidos em território brasileiro, caracterizando os esforços iniciais para atrair imigrantes europeus para o Império¹⁰. Outros contingentes chegaram durante os anos seguintes, num processo que, com maior ou menor intensidade, continuou até as primeiras décadas do século XX. No entanto, na análise de especialistas em imigração germânica no Brasil estes assentamentos não caracterizariam genuína colonização alemã, uma vez que neles contava-se com mão-de-obra escrava para sua manutenção e desenvolvimento¹¹. Além do mais, a verificada presença de outras etnias, notadamente suíços e poloneses, também contribuiu para que este empreendimento fosse contestado como pioneiro da colonização alemã no Brasil.

Frederico Edelweiss¹², em texto publicado em 1970, nos relata exemplos diversos de que os imigrantes germânicos aportados na Bahia, em sua maioria, em particular em Salvador, tinham as mais diversas profissões: artesãos, negociantes, industriais, profissionais liberais na Bahia que, ainda em número relativamente reduzido, haviam conseguido estabelecer importantes núcleos de conservação e disseminação de sua cultura de origem: associações, escolas, comunidades religiosas, que teriam tornado possível identificar objetivamente a influência desta cultura em segmentos diversos da sociedade baiana. Segundo Edelweiss, o período compreendido entre 1871 e 1914 representou o apogeu da colônia alemã na Bahia, no qual se verificaria uma mais significativa presença e atuação destes imigrantes no cotidiano do estado, sobretudo no início do século XX e em localidades urbanas.

Para qualquer tentativa de análise sob olhar das ciências sociais que se deseje realizar sobre a comunidade alemã de Salvador é fundamental, em primeiro lugar, ter em perspectiva que esta se constitui em uma ‘colônia urbana’. Imigrantes estabelecidos em núcleos urbanos freqüentemente são atraídos à sociedade receptora por oportunidades de trabalho em empresas oriundas do seu próprio país de origem ou deslocam-se de estabelecimentos rurais brasileiros para exercer atividades profissionais urbanas como efeito da escassez de oportunidades nas colônias de origem. No caso de Salvador, ambos os fenômenos foram registrados, com predominância do primeiro.

Ainda no decorrer do século XIX é possível identificar registros diversos da presença germânica cidade de Salvador, no comércio, nas representações consulares e na fundação de instituições alemãs, a primeira delas o clube de tiro Clube de Tiro (*Bahia Schützen Club*)

estabelecido em 1843 e, em seguida, a *Associação Cemitério dos Estrangeiros (Fremdenkirchhof)* em 1851, ambos frutos de consórcio entre alemães e suíços, sendo o último criado com o objetivo de atender aos membros não-católicos da comunidade¹³. Mais tarde o Clube Germânia, fundado em 1873, tornar-se-ia centro de reunião da comunidade, há registros da existência de pensões e hospedarias de proprietários alemães que acolhiam os viajantes alemães em trânsito em Salvador. Pequenas escolas alemãs cujos registros de existência datam da década de 1860 e o Colégio Alemão, situado no bairro da Vitória - só extinto durante da Segunda Guerra Mundial -, que exerceu papel importante na educação das crianças da comunidade (alemãs e suíças) e de crianças brasileiras cujos pais ali buscavam proporcionar formação de caráter mais cosmopolita¹⁴, são exemplos da organização com que a reduzida comunidade germânica constituía seus espaços na cidade¹⁵.

Até o início do século XX, comunidade alemã já havia constituído diversas empresas e, mesmo com o advento da Primeira Guerra Mundial, continuava a exercer papel relevante na economia baiana e, conseqüentemente, a consolidar sua presença como grupo étnico em Salvador. Nos segmentos de construção civil, óptico, químico, fumageiro e de comércio exterior, os alemães mantinham em evidência sua atuação econômica no estado da Bahia, exercendo então, a capital baiana, papel essencial na manutenção desta condição comercial favorável. Destaca-se o papel das representações consulares que, desde o século XIX como já mencionado anteriormente, auxiliavam os comerciantes e proprietários de pequenas indústrias a realizarem suas atividades. Cabe mencionar que estas representações, até a Unificação Alemã em 1871, ostentavam bandeiras dos mais diversos estados, confederações e territórios germânicos; o cargo de cônsul, no entanto, não era reservado necessariamente a cidadãos destas localidades e o rodízio entre alemães de diversas origens e mesmo cidadãos brasileiros não era incomum.

A ocupação de espaços urbanos residenciais relativamente próximos também revelava um traço notável desta comunidade desde o século XIX. A relação destes espaços com o poder aquisitivo dos alemães e seus descendentes não deve ser ignorada, na medida em que se verifica relativa prosperidade de um número significativo deles, essencialmente aqueles dedicados às atividades atinentes ao comércio e indústria nascentes locais. A proximidade das residências, ao menos durante o século XIX, dos centros de integração (Clube de Tiro, Clube Germania, Colégio Alemão) possivelmente explica a preferência pelos bairros mais centrais de Salvador onde a

infra-estrutura urbana da época permitia a circulação e acesso facilitados entre a casa, o trabalho e as instituições onde habitualmente se reunia a comunidade.

A prática religiosa entre os alemães se verifica desde também desde o século XIX e prestação serviços religiosos evangélicos, ocorria em residências dos membros da comunidade, nas dependências do Clube Germania, posteriormente na Igreja Anglicana (em acordo com a comunidade inglesa de Salvador) e, finalmente, na Igreja de Confissão Luterana erguida no bairro da Federação na década de 1960. Importante notar que a prática da celebração de cultos evangélicos entre luteranos e outros reformados independentemente da existência de espaços rituais específicos foi recorrente entre alemães de diversas colônias constituídas pelo país. No entanto, os primeiros registros de atividades como batizados e cultos realizados por um pastor formalmente investido no cargo, datam da década de 1920¹⁶.

A trajetória da colônia alemã da Bahia confunde-se ainda com a presença de outros grupos étnicos europeus aqui estabelecidos, principalmente suíços e ingleses, que marcaram de forma igualmente notável sua presença no estado da Bahia. A Associação do Cemitério dos Estrangeiros e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana, que reuniam desde sua fundação, predominantemente, alemães e suíços, revelam ao longo de sua existência, a tendência de agregação de elementos de outras regiões da Europa baseada em motivações religiosas. Esta atitude apontaria para uma possível forma de promover, mesmo que por meios indiretos, a integração com indivíduos cujos traços seriam menos contrastantes do que aqueles característicos da população local, suposição a ser mais cuidadosamente investigada.

Com os suíços, particularmente, nota-se que a aproximação se deu não apenas na esfera religiosa, mas também nos empreendimentos profissionais. Apesar da evidente distinção entre as etnias alemã e suíça, os imigrantes de fala alemã da Comunidade Helvética, não apenas na Bahia, convergiram em uma relação de convivência cooperativa e cultural. Em Salvador houve casamentos entre eles, o que em alguns casos, parece ter reforçado laços de natureza mais pragmática como interesses comerciais, por exemplo. Além dos espaços religioso e de negócios, alemães e suíços compartilharam outros espaços importantes da comunidade alemã: o Clube de Tiro, a Sociedade Germania, a Sociedade de Canto, a Sociedade Hípica, o Colégio Alemão igualmente serviram como meios de fortalecer os vínculos entre os dois grupos. Contudo, a distinção entre eles nunca deixou de existir, especialmente, durante o período da Segunda Guerra

Mundial, quando os alemães estabelecidos no estado sofreram perseguições e foram levados para campos de internação na região sudoeste da Bahia e os suíços, compreensivelmente, buscavam ‘desvincular-se’ da imagem negativa associada aos alemães durante o conflito¹⁷.

As relações com brasileiros também suscitam questões fundamentais para a compreensão da trajetória desta comunidade. Relatos até o momento colhidos de membros da comunidade, as relações, mesmo já nas primeiras décadas do século XX se caracterizavam por certo distanciamento, limitando deliberadamente os usos locais no ambiente doméstico. Na culinária, os pratos nativos não tinham, aparentemente, seu consumo encorajado, não obstante tanto escravos quanto a figura da empregada doméstica brasileira se fizessem presentes em alguns dos lares destes imigrantes e seus descendentes. Trocas havia, porém o evidente interesse da comunidade em cultivar costumes, idioma e tradições exógenas cumpria o papel de, ao menos no século XIX, estabelecer demarcações mais ou menos nítidas entre eles e os brasileiros. O convívio social com os nativos, necessário sob inúmeros aspectos, parece ter sido então, desde os primeiros tempos, caracterizado pela distinção *nós / eles* sempre que se mostrasse também necessário estabelecer os territórios possíveis a maior interação e de desejável distanciamento entre os atores sociais. Até as primeiras décadas do século XX, embora não seja possível afirmar como uma prática do grupo étnico alemão, os casamentos interétnicos pareciam apontar para uma preferência de união entre alemães e seus descendentes com suíços e seus descendentes, não obstante exemplos de casamentos entre alemães e brasileiras se mostrem significativos desde o século XIX¹⁸.

Se tomarmos como exemplo o que ocorreu em outros estados brasileiros, a colônia alemã na Bahia difere bastante, em princípio - e especialmente a partir da segunda metade do século XIX - do característico genérico observado na colonização do sul do país, onde predominou a cultura agrária e a marcante tendência ao acentuado isolamento cultural. A imigração alemã para a cidade de Salvador encontra mais pontos de convergência com as experiências de São Paulo e do Rio de Janeiro, em seus exemplos identificados igualmente em áreas urbanas, uma vez que ambas as cidades possuíram agremiações semelhantes e onde se poderia verificar a existência de um *ethos* empreendedor como já mencionado no caso de Salvador. A figura de um ‘imigrante urbano’ não se diferencia muito nos casos citados acima e as motivações para a emigração destes grupos para centros urbanos freqüentemente satisfaz a razões similares, principalmente se nas

localidades em questão há demanda por mão de obra especializada e intensa atividade comercial nos segmentos de exportação e importação de produtos manufaturados. Um número significativo de alemães estabelecidos em Salvador tem estado tradicionalmente ligado às atividades de comércio, fato que pode indicar características comuns dentre os imigrantes de fixação urbana.

Estar em um ambiente urbano parece ter favorecido o desenvolvimento da vida social e cultural da comunidade aqui descrita. Os registros de eventos culturais divulgados em jornais desde o século XIX são bastante comuns, sediados em sua maioria no Clube Germania. Concertos, saraus, palestras, práticas esportivas, sessões de cinema, comemorações cívicas da Alemanha – aniversários, bodas, funerais de membros da nobreza alemã –, reuniam não só a comunidade mas também nativos interessados em participar das manifestações de costumes e tradições próprias cultura alemã.

A existência de uma comunidade alemã relativamente atuante na sociedade soteropolitana dos séculos XIX e primeira metade do século XX, sugere que a persistência em cultivar características étnicas foi capaz de mantê-la unida com reconhecido êxito. No entanto, após a Segunda Guerra Mundial, o processo de dispersão limitou as formas de manutenção da etnicidade e teria resultado no chamo de ‘*status* de invisibilidade’ em que se encontra desde então. Sua relevância limita-se desde então a um restrito grupo, cujas contribuições de novos membros oriundos de outras regiões do país, especialmente do sul, desde a década de 1950, parece ter sido decisiva para um processo de revitalização da comunidade e que resultou na construção da Igreja Evangélica de Confissão Luterana (IECLB), vinculada à sede desta entidade na Alemanha. Este evento representa, de certo modo, um marco de resistência da pequena comunidade e um meio de retomar suas práticas próprias do um grupo étnico neste novo espaço de reunião.

Percebe-se na comunidade alemã de Salvador a tendência a uma ‘escolha racional’ de não integrar-se amplamente à sociedade receptora, a exemplo de outras comunidades de imigrantes no Brasil. Este dado sugere que em circunstâncias determinadas o ato de ‘escolher’ pode revelar-se uma estratégia razoavelmente eficaz para a proteção do grupo perante a sociedade envolvente e para consolidar o amálgama que conserva este grupo distinto como tal, muito embora a interação, sobretudo em contextos urbanos, tenha sido incrementada. Ao mesmo tempo, o senso comum da afirma a ocorrência de um processo de ‘assimilação completa’, através do qual estes imigrantes e seus descendentes se teriam ‘diluído’ na população baiana e que pouco restou além

de sobrenomes, alguns traços fenotípicos e memórias de cunho genealógico, sem real projeção no contexto cultural. A pesquisa que fundamenta este trabalho tem mostrado que, sob a perspectiva antropológica, muito há a o que investigar e que a reconstituição ampla desta trajetória, somada à aproximação etnográfica proposta na pesquisa, poderá revelar nuances que têm escapado, suponho, aos olhos de outros (poucos) pesquisadores que se ocuparam do tema até aqui.

Considerações Finais

O tema da etnicidade encerra em seu domínio teórico uma série de vieses - o que não raro expõe o pesquisador a um 'terreno pantanoso'; os riscos de resvalar em discussões que suscitem conotações racistas, em lugar de tratar de temas relacionados a etnias e seus desdobramentos entre comunidades étnicas, sugerem cautela e bom senso. No caso especial dos alemães, é preciso aproximar-se cuidadosamente dos temas que os cercam. Na obstante a pesquisa a que me dedico não aborde diretamente questões polêmicas como o nazismo e o anti-semitismo cristalizado durante o III Reich Alemão, a opinião geral, constantemente (e historicamente compreensível, creio eu) associa à etnia alemã um rol de atributos negativos.

A pesquisa em pauta não deverá buscar a confirmação ou negação de características atribuídos à etnia alemã, mas antes reconstruir a trajetória da comunidade que se estabeleceu em Salvador desde as primeiras décadas do século XIX. Seus costumes, hábitos, manifestações culturais e instituições, constituem-se nos principais elementos através dos quais pretendo compreender de que forma uma comunidade alemã urbana passou a fazer parte do cotidiano e história da cidade de Salvador, cidade que se distingue no cenário brasileiro por sua diversidade étnico-cultural.

O componente de ineditismo que se possa identificar na investigação dos imigrantes alemães na Bahia e, particularmente, em Salvador, em última instância não se refere somente à escassez de estudos sistemáticos das relações entre estes no seio da própria comunidade e com os nativos, mas a pouca tradição atribuída ao estado na recepção e fixação de imigrantes. Portanto, a etnia alemã – comumente identificada com os ciclos migratórios de países americanos – não deve ser vinculada somente a uma suposta preferência pelas terras do sul brasileiro devido a fatores mesológicos, mas aos processos distintos que pautaram o processo migratório brasileiro e,

evidentemente, às condições em que se deram os estabelecimentos destes imigrantes. Sobretudo, as questões da etnicidade suscitadas pela presença de elementos estrangeiros em território brasileiro é que move a temática sumariamente apresentada neste artigo, sem a pretensão de aproximar, além da medida que as discussões metodológicas e teóricas permitem fazê-lo.

Do ponto de vista teórico, para citar apenas uma das referências utilizadas no desenvolvimento da pesquisa, menciono Barth, que parece ter o mérito de tratar objetivamente a configuração dos grupos e suas relações internas e externas. Porém, ainda se impõe a questão da aplicabilidade do conceito de fronteiras em sociedades tais como a brasileira e a baiana, especificamente mencionada no estudo aqui referido. Estas se enquadram em casos cujas características de integração, relevante dizer, não se isentam de processos conflituosos, mas apontam para uma maior maleabilidade de relações e que, por vezes, ultrapassam e rasuram as imaginárias linhas delimitadoras das fronteiras étnicas.

A comunidade alemã de Salvador, portanto, distante dos modelos de colonização verificados em outras regiões do país com maior tradição imigratória, possui características próprias que, para um observador menos atento, parecem pouco evidentes de uma comunidade alemã. Os conceitos de colônia, mesmo se considerarmos a sua variante urbana, somente acenam para a possibilidade de descrever a trajetória desses imigrantes, conquanto a pesquisa ainda se encontre em andamento. As questões aqui mencionadas de modo sucinto não se pretendem, evidentemente, conclusivas; à proporção que o trabalho de campo, a geração de dados e sua posterior análise ocorrerem, acredito ser possível traçar em linhas mais nítidas a constituição da comunidade e como tem se dado sua continuidade e permanência como elementos da sociedade baiana.

Notas

¹ Os conceitos citados, além de numerosos outros apresentados no livro, podem ser cotejados no capítulo 4, *A etnicidade, definições e conceitos*, *Teorias da Etnicidade* (1998).

² As obras citadas são: Emílio Willems, *Assimilação e populações marginais no Brasil*: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes (1940) e *A aculturação dos alemães no Brasil*: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil (1946); Arthur Ramos, *Introdução à antropologia brasileira*: as culturas européias e europeizadas (1947) e Manuel Diégues Jr., *Etnias e Culturas no Brasil* (1956) e *Imigração, urbanização e industrialização*: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil (1964).

³ Cf. Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart em *Teorias da Etnicidade* (1998).

⁴ Id. p.112.

⁵ Ibid. p.91.

⁶ Ibid. p. 91.

⁷ Ibid. p.92.

⁸ Ibid. pp.100-101.

⁹ Cf. Clifford Geertz em *Nova luz sobre a antropologia* (2001), p. 193.

¹⁰ Cf. Carlos H. Oberacker Jr. em *A contribuição teuta à formação da nação brasileira* (1968).

¹¹ Cf. Jürgen Schneider. *Emigração alemã para o Brasil – 1815/1870*(1974), Carlos Henrique Oberacker Jr. *A contribuição teuta à formação da nação brasileira* (1968).

¹² Cf. Frederico G. Edelweiss em *A secular presença da Alemanha na Bahia*(1970).

¹³ No período do Império, ainda sob o reinado de D. Pedro II, havia uma série de restrições impostas pela igreja católica no Brasil aos indivíduos não católicos. Reconhecimento de matrimônios, batismos e sepultamentos de protestantes e outras correntes reformadas era dificultado quando não efetivado. Portanto, as comunidades alemã e suíça de Salvador reuniram-se para construir um cemitério onde não enfrentassem restrições para o sepultamento de seus membros e fosse possível, ao mesmo tempo, realizá-los sob as liturgias que professavam em seus territórios de origem.

¹⁴ Durante a Primeira República (1889-1930), a comunidade alemã distinguir-se-ia de outras comunidades predominantemente agrárias constituídas no Brasil desde os primórdios da colonização. Sobre esta época nos relata o professor Jeferson Bacelar em seu trabalho sobre os imigrantes galegos na Bahia: “(...) e tantos outros, alguns *alemães* (grifo meu), ingleses e suíços, fazem o *gran-monde*, a elite identificada como branca, civilizada, cosmopolita (...)” (BACELAR, J. 1994:22). Este dado indica que, não raro, os alemães estavam associados à prosperidade e aos interesses de grupos dominantes da sociedade baiana, além de reforçar a noção de que havia um *ethos* empreendedor característico entre os membros desta comunidade de imigrantes.

¹⁵ Dentre outras instituições foram fundados em Salvador: Bahia Schützen Club (1843), Associação Cemitério dos Estrangeiros (1851), Escola de Heinrich Burkhard (1860), Colégio Alemão Coração de Maria (1868,) Escola de Franz Joseph Bokel (1869), Clube Germania (1873). Cf. em Menezes: Os alemães, uma presença secular. Revista da Bahia (1990), pp.36.

¹⁶ Segundo relato do pastor da Igreja Luterana de Confissão Luterana (IECLB) em Salvador, setembro de 2006.

¹⁷ A despeito da gravidade do momento, episódios anedóticos teriam ocorrido durante a perseguição aos alemães na Bahia, segundo um informante e membro da comunidade estabelecido em Salvador após o final do conflito mundial, na década de 1950. Um deles, em particular, merece menção como exemplo de como a distinção entre alemães e suíços significou, em determinadas circunstâncias, a diferença entre ser ou não incriminado e sofrer as consequências de ser cidadão de uma das nações pertencentes ao Eixo. Segundo o informante em questão, quando abordados por policiais em Salvador falando o idioma alemão, os suíços afirmavam, na realidade, estarem utilizando-se do ‘idioma suíço’, como se houvesse de fato tal denominação. Não se refere aqui, é claro, ao uso do dialeto alemão falado na Suíça (*schwytzertütsch*), mas à utilização de um alemão padrão (*Hochdeutsch*) que na referida situação poderia ser o idioma em uso entre um suíço e um alemão, por exemplo. Ao suíço, em interesse de sua própria causa, e valendo-se da provável incapacidade do corpo policial de distinguir quaisquer variações lingüísticas desta natureza, o mais importante seria diferenciar-se dos alemães, reforçando sua origem étnica em oposição ao grupo perseguido.

¹⁸ O que os dados coletados em Registros de Residência de Estrangeiros em Salvador mostram é que o perfil dos alemães que se casavam com brasileiras era o de comerciantes, caixeiros e negociantes de diversas atividades. Parecia não só comum que houvesse um número de casamentos entre alemães e brasileiras, como também sugeria que estas uniões facilitavam a permanência legal destes imigrantes em Salvador por períodos indeterminados. Decerto que havia outros critérios, financeiros por exemplo, porém a união com uma nativa e uma prole brasileira influenciava decisivamente na concessão ou não de uma permissão de residência.

Referências Bibliográficas

BACELAR, Jeferson. Galegos no paraíso racial. Salvador, Ianamá / CEAO / CED, 1994.

EDELWEISS, Frederico G. A secular presença da Alemanha na Bahia. 1970 Anais do APEB, nº 39.

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MENEZES, Albene Miriam Ferreira. Os alemães, uma presença secular. Revista da Bahia, nº16, p. 33-39. mar.-mai. 1990.

NEESER, Hermann. A Colônia Leopoldina (1858). 1951, Salvador, Centro de Estudos Baianos.

OBERACKER JR., Carlos H. A contribuição teuta à formação da nação brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Presença, 1968.

OVERBECK, Wilhelm. Fünfzig Jahre Deutscher Verein Germania und Deutschum in Bahia: Festschrift zum 50-jährigen Gründungstage der Germania 13 April 1923. Berlin: Emil Ebering, 1923.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Trad. Elcio Fernandes. Teorias da Etnicidade. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SCHNEIDER, Jürgen. Emigração alemã para o Brasil – 1815/1870. In: Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros, 3., Porto Alegre, 14-18 out. 1974. P. 77-106.

WILLEMS, Emílio. Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

_____. A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.